

Capítulo

Como vimos, parece ao indivíduo que, apesar de reconhecer pela experiência adquirida, que todas as vezes que elle pratica certos actos, experimenta ao mesmo tempo de calar um sentimento. Porque, conquanto estes actos em si sejam indifferentes; todavia, devido ao seu comprometimento ou ao mau habito adquirido, constituem para elle uma verdadeira occasião de pesar.

Não são um falso supposto e nem meritas pessoas alias piedosas, imaginando que pelo facto destes actos ficam em si indifferentes e por isso as em pratica sem nem em mente mentioning uma intenção, não são obrigadas a prescindir dellas; não considerando que se elles são indifferentes para outros, não o são para elles, como preferentemente reconhecem pela experiencia propria.

Pelo que, conquanto não se possa dizer o contrario, viviam sempre afflictos e angustiados. Ellas muito se parecem com os indivíduos dados ao vicio da embriaguez; as quaes apesar de reconhecerem que quando bebem entram em um estado anormal, no qual constatam não conseguir de tudo; todavia bebem, como se fosse a bebida allegando que não bebem para fazer mal. A mesma causa da sua anormalidade que se encontram certas tendências que pelo facto de serem indifferentes e não serem em mente mentioning uma intenção, elles é licito, não se lembrando que pelo seu comprometimento ou o mau habito adquirido, em virtude do automatismo fisiológico, entram em um estado anormal, por isso, conscientes, no qual infringuendo a vontade intellectual, a supplantar pela vontade sensitiva. É a prova mais evidente que podemos ter que por culpa propria se expuseram a um tal estado estado anormal, e que depois de terem estado, se admiram como podessem

nao praticar estas altas hixicoes que, muitas
vezes, tem difficuldade em confessar-nos;
e que, se os confessam i' beverde mais pelo
tumor dos castigos que Deus nos infligiu
no peccador n'esta e na outra vida.

E não sa' n'estes necessarios, mas sempre
que o homem pecca, elle entra em con-
vulsões com um estado anormal
no qual não intenciona se não a dei-
xar-se levar pela tentação e ainda
muito quando elle previu a plena con-
fessimto do mal que lhe faz mal-
da, se expõe temerariamente a cair
em tentação.

E assim devia ser, porquanto n'estas
ocasiões, o systema nervoso, age
como os nervos reflexos voluntarios,
que attingidos pelos seus objectos
correspondentes, agem a saizem in-
dependentemente do poder inhibido
da vontade; que n'estas occasiões
já chega muito tarde, porque
o automatismo physiologico, já
está inactiva tumultuosamente
a compor da consciencia, produzindo
uma verdadeira disordem, cujos re-
sultados irão manifestar-se nas ac-
ções peccaminosas, incluindo a
cruzada de tantas angustias e re-
morsos que muitas vezes a levam
ao desespero ou a demencia.
Ha casos, porém, em que o mal
se encontra em certas pertur-
bações dos facultades intellectuaes
ou sensitivos, devido a certas
anormalias dos seus organos cor-
respondentes. Em tais casos
seria necessario que o doente
recorresse a um medico conscien-
cioso; porque removida a causa,
cessarão os effectos.

Sobre a intelligencia.

Concedu-nos Deus a intelligencia para que o conhecemos; e dahi a origem dos deveres para com Deus, para com nossos semelhantes e para com nos mesmos.

Não obstante isto, nos surrimos d'esta felicidade com fins muitos vezes oppostos áquelle pelo qual Deus nos a outorgou. E com tanta ingratitude e ternariedade, que ainda em cima, nos voltamos contra o Criador, como se elle fôr a causa das nossas queixas no peccado e das males que nos opprimem.

E esta ingratitude, que remonta aos dias primitivos, ainda que prevista por Deus, não o impede que crie o homem e o conserve sobre a superficie da terra.

E' que, apesar de tudo isto; apesar do homem ser uma creatura corrupta, já d'esse immenso espaço, também a sua criação entrava em um plano divino. Não porque quizesse do homem para completar a sua gloria, visto elle ser insufficiente a si proprio e em si mesmo e por sua natureza infinitamente perfeita, felicissimo e gloriosissimo. Não obstante isto, porque crie o homem a sua imagem e semelhança, o amava e se compozia em contemplar-o em sua mente divina, como a mais perfeita e formosa creatura que elle planearia sobre a superficie da terra.

E é por este motivo que o propheta, diante desta ingratitude, refugio no homem, e chama cheir de

58. &
termina e compunções: E no in-
terimto, senham, com muito pouca
differença, ter o quaste quasi que re-
sultante aos olhos.

Capítulo

Sobre o máo uso da intelligencia e
das sentidas.

Peca-se pelos sentidos e peca-se
tambem pela intelligencia; e, em um
e outro caso, peca-se pelo máo
uso e o abuso ditas faculdades.

E no entanto, não deveria ser acausado,
porque todas as inclinações tanto
do appetite sensitiva como do in-
tellectual, são inclinações pela ra-
zão, que qual mentor divino, antes
de qualquer deliberação, por parte
da vontade, ou do appetite intellectual,
emitta o seu juizo.

Juizo, que sendo uma manifestação
da vontade divina, e consentanea
a nossa natureza racional, deveria
ser incondicionalmente recommendada.
E a razão d'isto está em que muitas
vezes tendemos de propensão ao mal,
sendo ao abuso de nossa liberdade,
ainda que por uma natureza a vontade
sinta-se inclinada ao bem.

Se o homem animal tendere aos
objectos sensibiles, como o bruto,
levado por uma necessidade instin-
ctiva; talvez o possa encontrar a
sua felicidade parcial. Porque,
neste caso, elle agiria fatalmente;
e na satisfação d'essa necessidade,
não se encontraria um atenuante
para que não se tornasse culpado,
mas ainda para que de alguma
sorte, se sentisse feliz, no meio
das trevas do seu estado de ignoran-
cia e impotencia moral. Por-

Sobre a paixão.

É inclinação sensível que o individuo sente para um dado objecto, da. a o nome de appetite sensitivo, e ás modificações organicas que o appetite sensitivo produz, constitue a paixão; porque a palavra paixão, segundo a sua etymologia, que quer dizer soffrimento. E como a alma ^{tambem} tambem os seus soffrimentos moraes, nos servimos desta mesma palavra para significar. Mas propriamente falando, a palavra paixão applica para exprimir os soffrimentos que resultam das modificações organicas.

Ora, o homem pode inclinar-se á uma creatura por um motivo moral ou espirital como tambem por um ~~a~~ cative motivo, e é precisamente esta dupla inclinação, que constitue o amor humano natural; pois, a exclusão de uma destas duas inclinações, constitue o amor espirital ou o amor instinctivo o qual tambem os seres irracionais exprimuntam.

Eahi tendes a differença que ha entre o amor natural do homem e o do animal; porque, conjuando o amor instinctivo constitua um dos elementos do amor humano, elle não poderia existir sem o amor espirital. É esta circumstancia que define e differencia o amor humano do instinctivo e material do animal. O amor, portanto, considerado como um acto da vontade,

intellectual, não cogita na vida
 pelo sexo, como o amor instintivo,
 que procede da vontade sensitiva.
 Razão pela qual, se as actas
 que se referem ao amor instintivo,
 são necessárias para o amor humano
 natural ou conjugal; ~~o amor espiri-~~
 tual não o são para o amor spi-
 ritual ou angelico. E são tantas a
 razão pela qual muitas criaturas, de
 um a outro sexo, optaram, por uma
 inspiração celeste ou vocação, as esta-
 do religioso ou ecclesiastico; como
 tambem algumas juvenis que vivem
 no seculo, ainda que unidos pelos
 vinculos do matrimonio.

Apesar de serem raras estas exemplos,
 nos os encontramos principalmente
 na vida dos Santos e não são poucas
 aquelles que durante o tempo da
 noivado, levadas por um amor todo
 espiritual, não somente cogitavam
 neste sacrificio, porque em seu
 amor inicial, sem elles parecia que
 seria sufficiente para felicidade de
 ambos promitterem - e unicamente
 pela intelligencia e a coracão.
 E por bem felizes elevação das e
 durante o tempo da noivado,
 se contentavam com a posse um
 do outro pela intelligencia e a
 coracão, vitando todo aquillo 56
 que ainda mesmo de longe, poderia
 contrahir para de alguma forma
 naturalisar o seu affecto espiritual,
 reservando estas manifestações maternas,
 embora breves, para quando pelas
 matrimónio, entrassem na posse
 um do outro pelos sentidos. Pois,
 nem o homem e muito menos a
 mulher, é ~~capaz~~ capaz de se manter
 pelo exterior affecto os seus
 sentidos, de um modo material
 nem se narra abnegação de um
 modo espiritual.
 O amor é uma força unificadora,

que desde um seu início se unia e
 separa as almas e se cam a valer
 dos tempos, tendo também a união
 dos corpos, e em virtude do instin-
 to de preservação, que sob as fulga-
 nantes igas do amor espiritual se
 manifesta ao penetrar o homem e
 a mulher na puberdade.

Mas este instinto não constitui para
 a creatura racional uma lei factal,
 como para a animal; porquanto
 tanto o instinto de propria conser-
 vação como de especia, partici-
 paem das qualidades dos attributos
 das faculdades superiores bem orde-
 nadas e orientadas pela razão e illu-
 minada pela fé.

Porquê, faltando a fé viva e ope-
 rante, o amor conjugal nobili-
 tado e santificado pelo sacramento
 do matrimonio, converte-se em
 um puro gozo material. E esta é
 a ~~matéria~~, e a razão pela qual,
 desaparecendo o motivo fideiual
 interior, se attributos um pelo outro,
 desaparecem também por sua vez,
 aquelle amor inicial que fazia
 com que elles se considerassem as
 uns mais felizes sobre a rapina
 fidei da terra. E os sacrificios que
 talvez tiveram que fazer, o attestam
 de modo o mais evidente.

E assim deves necessa, por que
 sendo o matrimonio um meio e
 não um fim, e sendo as creaturas
 por sua natureza imperfeitas por
 mais perfeita que o sejam, e estando
 sujeitas as contingencias desta vida,
 sem Deus, sem o seu amor e o seu
 santo temor; sem a fé rumo a gloria
 por operosa; tudo estará perdido não
 só no tempo mas talvez ainda
 no eterno. E se não apparecermos
 para Deus, que não o nosso fim
 ultimo e supremo, se elle preferir
 contentar o nosso coração no meio
 dos contrastes e solidão da vida.

Sobre a suggestão e pânico. 8. 12. 64 (H.)

Ha occasiões em que antes de
qualquer intigação diabólica, o in-
dividuo suggestiona-se a si proprio;
porque, devido a circumstancias
que lhe fazem lembrar as quaes pas-
sadas, tem quasi como certo que,
afinal, acabará como as outras
vezes, por estar a tentação.

Este temor, com outro motivo, a
não ser o que se baseia em um
falso supposto, é um dos meios
mais acerbos e seguros de que
se serve o inimigo para o fazer
cahir em tentação.

Porém que este temor, que é devido
a uma especie de traumatismo
moral que os quistos passados, pro-
duzem no momento em que o alma,
que vive em parte física, pelo
que, qualquer circumstancia capaz
de o despertar, disseca-o com condições
muito mais semelhantes ao que
o frequar se queixar no mal.
Com effeito, a attenção voltada
para um só ponto, com todas as mes-
sagens superiores para o objecto
que o solicita ao mal, da occu-
pação do automatismo a que se
incline rotativamente ao proprio
eipio e um demora logo após, d um
modo franco e tumultuoso. Dahi
o temor e a pânico não que afinal
como as outras vezes evolue para
a quer fatal.

Em todo isto, não passa como
dizemos, de uma falsa supposição,
suggestionada pela imaginação, que
desvirtua a attenção ou subtrai
do ambiente em que se acha, a
tentação desaparece por incanção.

Ha casos, porém, que logo após
esta falsa supposição, a consciencia
se annuncia, a vontade parte a
resposta mostrando, e o indivi-
duo, a remolhaça de um in-
pulso de precepto no mal.

9 12 12
65

avida que se lembra que não
podendo existir physicamente, re-
sulta como a vontade.

Em este caso, tais individuos, de-
vem ser classificados entre os
repetidos, entre os que contrahi-
ram um mau habito inve-
tado ou entre os que soffrem
uma accão directa ou inclin-
ta do espirito dos tervos.

No primeiro caso, que recorram
a um medico consciencioso,
antes de applicarem a religião.
No segundo caso, que partam
em pratica os meios que acim
propomos em circumstancias
convenientes a estes.

No terceiro caso, que usem egual-
mente todos meios, como tambem
de outros capros de modificar de
alguma forma o seu estado
morbido. Porque o inimigo
já não pôde agir, neste caso, quando
o ambiente está em condições
adequadas para que possa influ-
enciar o paciente pela uma accão
directa ou indirecta. —

50

com a intelligencia, o principio
 do amor, e o amor o movel e o
 propulsor de nossas accões, nos am-
 thamos inclinados a realisar as
 nossas desejos correspondentes ao ver-
 zadeiro e ao bom. Este impulso é
 tão vehemente que não pela igno-
 rancia, pelo desprimento ou exaltação
 produzidas pelas paixões não se ma-
 nifesta. É a ignorancia culpada,
 que constitue a causa principal
 da maior parte dos erros tanto por
 parte da intelligencia como
 da vontade; porque a ignoran-
 cia, pelo mesmo facto, se en-
 contra em opposição incompati-
 vel com a natureza do ser ra-
 cional, é a causa do erro,
 muitas vezes. E o erro é um esta-
 do de desordem inteiramente
 opposto ao da ordem, a qual todo
 ser intelligente não pode deixar
 de observar sem violentar as
 leis por Deus impoestas á natu-
 reza racional. Por isso para o
 homem fazer indifferente ten-
 der ao não a felicidade, in-
 differente tambem ser. Elle não
 observar ao não esta ordem;
 mas, felizmente elle tende de
 um modo irresistivel á felicidade,
 que, segundo as dictames da razão
 pura e ainda mais illuminada
 pela fé; elle a devia procurar
 unicamente e primariamente em
 Deus; porém, invertendo a ordem
 das causas, muitas vezes, e aber-
 tando da sua liberdade, a
 procura unicamente e
 primariamente nas creaturas.

Mas, se o homem não procura
 a sua felicidade em Deus,
 a procurará em si; ^{isto é} neste caso.
^{no objecto correspondente a si.}
 a procurará na inteligência ^{ou} na
^{sensitiva} matéria (que o envolve e sum-
 me por volta para a terra, quando
 abundante aos recursos da própria
 natureza desabitada pela presença ori-
 ginal.) E ahí tentos a origem do
 orgulho & da volupia e da in-
 versão do orden por Deus prestabele-
 cido.

Ora, esta inversão consiste em
 mal ^{o maior dos males existentes e presente} ~~tan grande~~, ^{que} ~~em absoluto~~,
 porque todos os outros males não o
 são senão relativos. Porquanto sendo
 o mal em geral, a privação de
 um bem, só o presente ao olho
 parece de presente, importa uma
 insuficiência incompatível com a
 natureza racional. ^{Deus permite}

Não obstante isto, em attenção ao
 mérito e ao demérito, que dependem
 da liberdade humana, Deus permite
 o mal em o presente, conquanto
 não o queira, e tanto é certo que
 elle o detesta, que o castiga nesta
 e na outra vida. ^{Deus permite}

Permite, ^{o presente} ~~mas obstante isto~~, porque
 pela sua infinita sabedoria, fez
 com que o mesmo mal, pudesse
 contribuir para sua gloria e santi-
 ficação de novas almas, pela
 a punição, a abnegação a fuga
 da escravidão e a pratica das virtudes
 do submittimento. Mas ai! daquelle
 - que commettendo o mal não avê-

para salvar e não procurar
 reabilitar-se ante Deus pela dor
 e compunção de coração.

país não tiveram peccado e foram confirma-
dos no estado de graça em que haviam sido
criados, ninguém poderia ao naturalismo
e nem procuraria entrar na pele do
objeto amado, só pôde fazer nos actos
procuradores escampantem. no; mas prin-
cipalmente em cumprimento de um pre-
cepto divino; e o prazer sensual que
experimentariam quando se approxi-
massem, comquanto mais intenso,
não podia ultrapassar os limites
da psychismo animal; nem por con-
sequente portador as paixões da
alma e arrebatá-la em rixos, como
mucos agora, reduzindo o homem
as condições de um animal.

De forma que, depois de culpa origi-
nal, não só o prazer engendrado pelo
carne do peccado; mas ainda o que
se poderia experimentar ao não de-
sinto de Adam, se elle não tivesse
peccado, degenerating pelas encarnações
invenções da carne do peccado,
na brim. ultrapassar as fronteiras
da psychismo animal, fazendo que
se confundam com o prazer da con-
sciencia engendrada pelo carne do
peccado.

E se Deus permittir que passe um dia
antes de Adam este triste labia,
fai porque com elle, se bem pro-
vel que a tendencia primitiva se
ria como que representada pelo carne
quenciais da culpa original; ou a
brim. se contentaria com a posse
do objecto amado, pelo intelligencia
e o coração; porque o amor embora
tendo a urina, elle não avaria
para com tudo quanto de alguma forma
pode materializar o seu amor inicial,
e se se levado pelo sentimento da
consciencia, que elle se inclina a
optar pelo naturalismo com o fim de
então na forma material do objecto
de mas possibilidades e em um cum-
primento de um precepto divino.

Pelo que temos dito, deduzimos que a tendência que se manifesta independente da vontade, entre os sexos diferentes, é natural, e por consequente, consuetudinária à natureza racional; e que não ha nella nenhuma perturbação com inobservação das leis preestabelecidas pelo Criador. De forma que, se não fora a manifestação da carne do peccado que são adições a se as tendências da carne virgem, enlata, enata e abeneçada por Deus, nada de anormal haveria nesta mutua tendência entre os sexos diferentes.

O que ha, portanto, de máo neste tender natural, é o que se inclina ao favor da concupiscencia, creada pela carne do peccado, que inclina a creatura ao mal, ainda mesmo quando ella tende ao bem; isto é, ao que é consuetudineiro à sua natureza e demanda da essencia da alma humana; seja que esta tendência tenha por objecto a alma ou o seu corpo pela sua accão vitalisante.

Seja i que, em consequencia da culpa original, o favor da concupiscencia, que se manifesta através da carne do peccado, que antes da queda de nossos primários pais, não existia, ha. de necessariamente manifestar-se com o valor dos tempos entre as pessoas de sexos diferentes que se amam com um amor passionnal. Porque o amor humano natural é constituido por dois elementos; isto é, pela

tendência que tem por objecto as qualidades espirituaes e as materiaes, que, depois da culpa original, estão sujeitas a errar por caminhos oppostos, contrahida para fustigá-las e invetar a ordem puzista, heheida pelo Criador.

Resultando daqui, que aquillo que ante' ora, antes da culpa original, era um bem, tornou-se um mal; não por si; senão em consequencia da queda de nossos primeiros pais.

E esta é a razão porque as fêmeas de nosos differentes, quando se amam com amor passionaal, formam-se umis - e pelos vinculos do matrimonio; não, porque tudo quanto a carne do passado costuma necessitar, não é possível realisar - e não é permitido no matrimonio, no intuito de se conceber para a conservação e propagação da especie humana. Não podemos aqui desuizir que antes da culpa original, as fêmeas que se uniam em matrimonio, caso nosos primeiros pais não tivessem passado, poderiam se appropiar - marum uma da outra sem se casarem; mas simplesmente que não antes nem no matrimonio nem depois, poderiam sentir o furor da concupiscencia; porque, então, ignorarião estas duas consequências; pois, a concupiscencia não esecia nem podia existir. O acto, portanto, era bom e por conseguinte licito em si. Depois da culpa, tornou-se mal por ser do matrimonio, porque fora instituido para a conservação da especie e devido ao furor da concupiscencia. E realmente os nosos primeiros

quanto sempre havia de se appor-
tar de sua alma uma pro-
funda tristeza, pelo facto de não
poder tender ás creaturas e á
divs, de conformidade com o penhor
inhante á sua natureza racional.
E é precisamente o que observamos
em todas pessoas que se cansam mais
por fragilidade do que por malícia
ou perversidade.

E' que, por um instincto divino, com-
prehendemos perfeitamente que quanto
mais o homem se approxima da
perfeição que lhe é propria, tanto
mais sente-se. ha feliz; necessitando
o inverso, quando elle, abusando
ou fazendo mau uso da sua intelli-
gencia e dos sentidos, se affasta cada
vez mais de quem pelo qual Deus o criou
e o collocou aqui sobre a terra.

Capitulo
Sobre a liberdade.

A liberdade é a faculdade que tem o
homem de se determinar ao bem ou
ao mal; ainda que, pelos exigencias
da sua natureza racional, elle deva
optar pelo bem. Não obstante
isto, elle, muitas vezes, tende ao
mal; porque, não passando com
contínuo e evidente e racional
da natureza de Deus, como elle
pense da sua existencia, pode
determinar-se em sentido contrario
ao da sua vontade bem ordenada
e da sua intelligencia esclarecida
pela razão, violando a lei divina;
muito embora, ainda assim,
não possa deixar de reconhecer
a Deus como o Ser supremo e
de tender á elle por uma neces-
sidade intrinseca, pela intelli-

ginecia, e ás creaturas, pelo mesmo facto que tende a Deus pela intelligencia e o coração.

Seguinte-se d'aqui, que conquanto elle não possa deixar de reconhecer a natureza inclinada a elle por Deus pela intelligencia e o coração; porém, não obstante isto, deixar de reconhecer esta inclinação pela vontade; não só porque elle goza da liberdade de acção e de eleição, mas também porque o conhecimento que elle tem de Deus, ainda que mediado pela fé, não é o mesmo como é aquelle que elle tem das creaturas que são espelhos da impressionada e de um modo mais ím-

E é precisamente esta circumstancia, que nos faz, muitas vezes, optar pelo mal, que num dado momento tomamos como um bem, quando tendemos ás creaturas, pelo facto de julgarmos que ellas são capazes de constituir o objecto de nossa felicidade, ainda que se parecia que se não de encontrar a lei divina.

Se podessemos ver a Deus, como vemos as creaturas, tenderíamos sempre a elle, não só pela intelligencia e o coração; mas ainda pela vontade, sem que jamais desistamos um da verdade nem da justiça. Ver, porém, a Deus, como vemos as creaturas é impossível, porque este conhecimento não tem o objecto da visão beatifica, da qual só poderíamos gozar quando estivermos de posse da Bemaventurança.

Amin é que, toda honra que parece de um modo contrario a lei divina e que

e fim pela qual extermas a - 346
gindo.

Assim praticaram as almas timoratas,
colhendo occasião para cada vez
se elevarem mais na purificação e
merecerem ante o conspecto de Deus.

E' verdade que a immortificação e
principalmente o mau habito, como
entrosim o ambiente em que vivemos,
ou formas creatas, collocar-nos-ha,
muitas vezes, em condições que não
nos dá tempo para reflectir, per-
manecendo-se depois na clivida
se se consentir ou não na tentação.
E eis aqui mais uma razão, entre
muitas outras, pela qual deveríamos
fugir de certas occasiões e pôr-nos
de certas acções desnecessarias;
sobretudo, quando, pela propria ex-
periencia, estamos quasi certos que
nos exporíamos a pecar.

E este que emquanto não nos con-
vencemos desta verdade e não pro-
curarmos por-a em pratica, re-
manemos contra a corrente e
continuarmos a pucar não
obstante nossos firmes propositos
e apparente boa vontade.

Capitulo XVI.

O Pecato.

Toda pessoa que não sabe respi-
tar-se a si propria, maxime,
quando está só, procedendo para
sempre sem peccato, difficil-
mente poderá progredir na vir-
tude, e não se apparentemente.
Ella engana-se a si propria
e aos que a têm em conta de
virtuosa; porque, além de
mostrar que possui uma

20-32. 28

Como a effrutuaria a procreação
se devam ser confirmadas no estado de
gracia em que havia sido creada.

Se Adam e Eva não tivessem
pecado e fossem confirmadas no estado
de graça e retidão em que haviam sido
creadas, o homem quando se approxi-
masse da sua mulher em cumprimento
do precepto divino, a faria como hoje;
porém, em condições incomparavelmente
mais avantajadas e inteiramente diffe-
rentes.

Em primeiro lugar, não a vertido
attrahida uns pelo outro em virtude
de do senso, quando isto é, ao que
seu nullo e si capaz de alvorenar a
carne do peccado; porque elle conti-
nuaria a ser por elle e pelos seus sen-
sitos, inteiramente desconhecidos.

A unica attenção que então o senso
poderia exercer, seria aquella que
desde o primeiro instante Adam e
Eva sentiram um para com o outro,
e em virtude da qual se amam, valem
e já se sacrificam pelo intelligem
e a coação.

O estalico poderia contribuir para apur-
rar e completar o gozo sensível; mas
este gozo, por mais intenso que fosse,
não poderia jamais ultrapassar as dividas
da psychismo inferior, que por ma-
nha, permanencia submisso a vontade
humana, como esta, permanencia
intimamente unida a vontade divina.
Em segundo lugar, o acto da procreação
porque era inspirado pelo amor con-
jugal, produzido, então, exclusiva-
mente da carne ouada e abençoada
por Deus, o gozo material entrava
como uma condição necessaria, não
já para o amor racional ou espiri-

final, amara para o amor conjugal.
 Pelo que, se unirão como seres hu-
 manos; porém, gozarão como anjos.
 Supremo ideal daquelles que se amam
 com um amor puro e eterno de Deus,
 volencia, e com o qual continuam
 quando contentes com a parte um de
 outro pela intelligencia e o coração,
 não cogitam em outro affecto; até
 que, por completo o amor na-
 tural, fructuam-se comidos, pulos uni-
 tidos pelo sacramento do matri-
 monio.

Assim é que, o homem não seria um
 producto engendrado por entre as
 tuas e exultantes consequências
 da carne da peccada, mas da
 carne da graça, creada e abençoada
 por Deus.

Como concebida e dada a luz a
 mulher no Adam não tivesse peccado.
 Se o primeiro casal não tivesse
 peccado e fosse confirmado em
 estado de graça e rectidão em que
 haviam sido creados, a mulher
 concebida e dada a luz, em uma
 repurificação ou renovo completo,
 semelhante aquelle pelo qual passou
 Adam, quando Deus criou a primeira
 mulher; porém, visto como elle tuia
 plena consciencia e a sua natureza
 que sepiritualisante - e, não submis-
 sa a alma, apra de que o fructo de
 suas entranhas, não fosse o producto
 de uma pura attenção e deliberação
 racional, ainda que hum ordinario e
 virginal pela vontade; mas sim um
 commito um producto proveniente
 do amor proveniente pela intelli-

queria e pela coração. Pais, com
 poucas ^{dições} de fumaça, ouara Deus o homem
 humilhante a elle, para que como anjo
 visitador de terra humana, em tudo se
 manifestasse.

^{Ante por parte de S. Roque em de 1807 na}
 E foi muitas ^{circunstâncias} ~~circunstâncias~~ ^{mas} condições que
 a glorioso Pai de minha Senhora. Mãe
 muito amada Maria Santissima, a
 concebida e deu a luz, em
 vista de sua futuro virginal ma-
 trizidade e altissima purificação
 de Raima das Cus e da terra.

Dignai-vos, pois, minha Senhora
 e Mãe muito amada, aceitar esta
 coroa de gloria, que humilddemente
 deponho aos vossos pés, para honra
 e gloria vossa e do vosso molyto Pai,
 cujos mays me seja agora em espiri-
 to, na esperanca que pela vossa
 intercessão possa beneficiar na ete-
 rnidade e render mil acaes de grazas
 ao vossu Filho muito amado
 por haver habitado e santificado
 o tabernaculo de um tabernaculo

em condições incomparavelmente
mais vantajosas e inteiramente
diferentes até este ponto.

Em primeiro lugar, não se sentirão
atracções um pelo outro pelo uso,
quanto ao que nullo existe e é ca-
paz de divorçar a carne do peccado,
porque ella continuaria a ser in-
tiramente desconhecida pelos seus
descendentes.

A unica attracção que então o
seu patida exercer, seria aquella
que desde o primeiro instante
após a criação do ser humano, Adam
e Eva sentiram um pelo outro,
e em virtude da qual, elles se
amavam e já se furtavam pela
intelligencia e a coacção.

Orthetica que sob as formas materiais
apresentassem, poderia constituir para
apurar e apurar o gozo sensível, mas
este gozo, por mais intenso que o
fosse, não poderia jamais ultrapassar
as divisoes do psychismo inferior, o
qual, por uma vez, permaneceria
submisso á vontade humana, assim
como ella permanecia inteiramente
submisso e unida á vontade divina.
Em segundo lugar, o acto da pro-
criação, porque era uma conse-
quencia do amor conjugal, pro-
duto então exclusivamente de

Sobre o Peccado

Sobre o Peccado da Carne
e a Carne do Peccado

9

Prologo.

LM-0102

1.

A sensação pressupõe que um das sensações tenha sido efficaçamente attingido pelo seu objecto correspondente; a qual, neste caso, se não for impuberta, evoluirá naturalmente suscitando o desejo, e este desejo, por sua vez, ha-de engendrar necessariamente a inclinação ou o movimento em direcção ao objecto que o produz.

Assim é que, o desejo ou o movimento, não impedidos, podem suscitar a sensação que o órgão correspondente attingida, suscitaria.

E neste caso, a sensação costuma ser mais intensa e, por consequente, surti maior o perigo; porque a sensação produzida pelo desejo ou o movimento, é reforçada pela imaginação e o automatismo physiologicos, visto a vontade de alguma forma se ter fiado deficiente, não agindo ou agindo immediatamente em sentido opposto ao desejo ou ao movimento conquanto espontaneo e natural.

Quando, portanto, a sensação, não impuberta, ao menos indirectamente, suscita o desejo e este o movimento, o paciente encontra-se em perigo de ceder ao mal. Porque acham-se ha mais além do que alguma das fronteiras do illicito; e tudo, em tais emergencias, contribui para precipital-o no abismo.

E' esta a triste historia de todas aquellas que puseram a ~~alma~~ innocencia

e que se esposuam temporariamente em occasiões de puear; supponho que terão bastante força para resistir ás tentações que porventura occorrem.

E bom seria se não voltassem a estas miurias em vista da triste experiência do passado. Mas infelizmente, enquanto contatos e arrependidos têm, ham confessado as suas miurias, elles voltaram a recahir nos mesmos peccados; por que, em geral, tais individuos procuram o confusio-nario, levados mais por um temor vnil do que pela caridade perfeita. Não obstante isto, esta contínuo virada que se profecta, porém, feita conhecida por um motivo nobre e humil, já é um signal evidente que a graça está elaborando - e em um futuro, preparando a sua conversão perfeita, e elle continuar a não transigir com o peccado, e se esforçar, quebrando muros em subitancia para alcançar a perfeição christã.

A natureza racional, antes de puear, preserva conosco o mal que faz ~~o~~ peccando; porém, na depois que se conhece praticamente ~~o~~, e que, como nossas primeiras prais, tem consciência pela própria experiência do mal que faz e de mais alguma causa que elle ignora absolutamente antes de puear; isto é, do prazer desordenado que causa a acurta a concupiscencia, que desde, então, como ~~o~~ feito castigo de tormenta dia e noite, até que pela penitencia e graça do alto mais ventura se contrahir novamente o bom habito, que por sua culpa, veio a perder infelizmente.

Capítulo 3. Sobre a dualidade humana.

Não obstante haver no homem ações que têm por objeto, ora o corpo, ora a alma; com tudo, todas as operações que nelle se realisam, pertencem ao homem; isto é, a esta terceira substancia que resulta da união da alma com seu proprio corpo.

É esta circumstancia da qual, em pratica, não podemos prescindir, é o que mais nos impressiona e acabrunha. Porque, em consequencia das opiniões que se unificam na unidade da personalidade humana, o homem, para si e para os seus semelhantes, se apresenta como um ser contradictorio, e tão paradoxal, que muitas vezes, seriamos levados a crer que nelle ha duas personalidades, correspondentes ás duas substancias que o constituem.

Dehi, a necessidade que temos de estabelecer, no mesmo homem, uma distincção entre o homem racional e o homem animal; muito embora se trate de um mesmo homem. Porque estas duas tendencias, que antes da culpa original, não offuscavam nenhum obstaculo a outra, pela facto de reinar entre o homem animal e o homem racional, a mais perfeita harmonia, depois da queda de nossos primeiros pais, sorprehende por completo. E desde então, tudo no homem se divide e começa a conspirar contra o mesmo homem e os seus ideais supremos.

Pelo que, com mais esperança,

de voltar ao primitivo estado de graça e rectidão, compromettia ainda mais a situação, tornando-a cada vez mais difficil, pelas consequências das culpas ~~orig~~ individuais que, dia e noite brabavam aos céos, fazendo o extermínio da humanidade.

Mas o que, pela natureza decahida do primitivo estado, parecia impossivel, tornou-se sobrenaturalmente possível depois que J. Christo, o Filho de Deus feito homem, redimiu o genero humano e lhe suggeriu os meios mais seguros e efficazes para reagir contra as consequências da carne do peccado, que, depois da culpa original, parecia querer supplantar a carne da graça creava e abençoada por Deus.

Restituida, então, a humanidade ao seu primitivo estado de graça, amizade para com Deus, mediante a applicação dos merecimentos de J. Christo, tudo, tanto na ordem espirital como natural, tomou um outro rumo, ~~o~~ um'outro inspiração.

A humanidade estava salva, porque de agora de Satanaz, passava a ser filha adoptiva de Deus e irmão de J. Christo.

A intelligencia como a vontade tem seus objectos correspondentes, e se não tenderem a elles de conformidade com a razão, vão de encontro as leis preestabelecidas pelo creador. Unusquisque criminosa, porque ainda mesmo quanto a creatura racional tende as causas materiais ou espirituas, ella o faz, como um consequencia ^{da natureza} que elle sente em primario lugar para com o verdadeiro e o bem absolute, sem a qual, ella ou não tem vida ou a faria como o ser irracionais, levada unicamente pelo instincto material. Pois, se para a haerem fazer indifferente tender ou não a felicidade virtuosa a sua natureza, tambem ser. elle ha igualmente indifferente observar ou não estas leis preestabelecidas pelo Creador. proem, felizmente elle tende de um modo irresistivel a felicidade, que regula os dictames da razão e ainda mais da razão illuminada pela fé, elle tenderia favorecer primariamente em Deus, e não obstante isto, invulando a ordem das causas, e promover primariamente e unicamente as creaturas. Mas neste caso, elle prece com a sua felicidade voltando-se para si proprio ou para as creaturas. Exibitudo a razão de tantas aberrações que comigo accreta a peccado a qual constitui o mal por excellencia, porque sendo o mal, em geral, a privação de um bem relativo, só o peccado constitui a privação de um bem absolute.

Não obstante isto, em attenção ao merito e demerito que depende da nossa liberdade, Deus permite o peccado, mas não o quer, porque elle o castiga nesta e na outra vida.

Permite o peccado, porque pela sua sabedoria. despro as causas de tal forma que o mal contra. buse para sua gloria e santificação de nossos almas. Mas ai, aquelle que praticando o mal, não procura rehabilitar-se diante de Deus.

O pecado é uma consequência do abuso e do mau uso da liberdade, o qual comparado com as grandes males decurrentes da culpa original, é o maior e o único mal que existe neste mundo. É a prova mais evidente que podemos ter, é que para o fazer desaparecer de nossas almas, foi necessário que o Filho de Deus se fizesse homem e morresse por diante de uma cruz. E se não podemos ter uma ideia adequada do pecado, é porque decaído o homem do seu primitivo estado de graça e rectidão, o horizonte de sua mente tornou-se tão limitado, que ainda mesmo assistido pelas luzes da razão orientada pela fé, dá a entender que elle não é mais aquella aguiça de outra ora que encrava o Sol da graça sem portanear. Mas não obstante isto, podemos fazer uma ideia da malícia do pecado, considerando que por um só pecado, Deus castiga ao delinquente com uma pena eterna, elle que é tão bondoso e misericordioso.

É que se o peccado não se vê em suas consequências, podemos garantir um gozo e felicidade, ainda que imperfecta, e Deus poderia ser destruido, o peccado o destruiria.

É ainda por certo, que se Deus não levasse em conta as tristes consequências da culpa de origem, logo após o primeiro peccado, que commetteramos, seríamos eternamente castigados, como foram os anjos no Céo e nossos primeiros pais no paraíso terreal.

Não abusemos, porém, da bondade e misericórdia de Deus, nem queramos pecar confiantes na herança, porque igualmente fallando, como a rípe, ao sair a morrer.

Capitulo Sobre a malicia do peccado.

O peccado e um acto voluntario
contrario a lei de Deus, e por isso,
quinto, praticado com conhecimento
da causa.

Que isto diga que no lugar da vontade
de Deus, damos a nossa vontade;
apesar de reconhecermos que ha nisto
um abuso do uso da nossa liberdade,
que, pelos fins que nos foi outor-
gada, se deveriamos usar della
para acunhar o divino p. hum.
placito; porque a felicidade de
um ser, esta em appressimar-se
cada vez mais, da perfeicão consuetudinaria
e sua natureza.

E não obstante isto, o peccador da
frequencia as aventuras, ainda que
reconheça que ellas dependem de Deus,
convertendo-as no objecto supremo
da sua felicidade, pelo gozo ou
felicidade de um momento, que
se pode deixar ap. de si, as re-
mover e a inclinação para o
mal, que talvez antes da peccada
ignorava praticamente. Cahir-
mos que, abdicando-se as
tristes consequências da culpa de
origem, isto, talvez, difficultar
a sua conversão. Porquanto esta
rebelião o torna inimigo de Deus
e escravo de Satanaz, de cuja
captividade difficilmente poderá li-
bertar-se sem uma graça es-
pecial de Deus, em vista do maior
habito contrahido, muitas vezes logo
ap. o prisioneiro peccado.
E neste caso, elle gravitará cada
vez mais para o mal, porque
tudo os seus actos, serão obras
mortas, por falta da graça san-
tificante.

Capitulo Origem do peccado.

O peccado nasceu no Paraiso terreal, onde, nas condições em que fora creado o homem, jamais, nos passaria pela mente, que elle poderia apparecer sobre a terra. Porque, segundo nos a affirmação nas Sagradas Paginas, criou Deus o homem em estado de graça e innocencia e as circumstancias de dons excellas, apesar de não serem devidas a sua natureza; para que, recuperando a graça, merecesse ser confirmado no estado em que havia sido creado.

O primeiro caso, porém, tentado, pelo espirito das trevas, desobedeceu a Deus, comendo da fructo vedado, e por este mesmo facto, peccou e chamou sobre si e os seus descendentes a maldição do Eterno. Daqui procedem desluzir, a grande malicia que em si encerra um ser peccado e o immenso mal que o peccado fez a si proprio. E' notavel que quando elle pecca, o faz por fragilidade e não tem em mente offender directamente a Deus; mas sim, porque, tentado e em um momento de hesitação e ceder a forte allucinação, acarea-se pelo orgulho e os bens fictícios desta vida, preferiu consequentemente Barrabas, convertendo as creaturas em divindades supranas. Por que tanta malicia e ingratição que remonta Deus a ponto comprehender e avaliar devidamente.

Capítulo João o peccado da carne.

Comquanto possam existir peccados maiores do que o peccado contra o recto preceito divino; todavia o da sensualidade é o pior; porque tanto em si como em suas consequências, rebuz as suas victimas as condições de um ser irracional, eynas de tudo praticar para retufaz, zo as suas brutais instinctos.

E o pior é que, antes de se reduzirem a este estado, torna-se impossivel combuzil-as a punitoreia, por causa dessa como segunda natureza que o vicio implanta e envolve toda a sua natureza, reduzindo-o a uma especie de impulsividade assaz perigosa; porque, por onde elle passa, deixa sempre os vestigios de sua indomavel paixão e mais instinctos.

Qual fura indomita o veris atreva-se ai suas victimas, talqual como um animal. E se, porventura, se nave das mais faulvales intellectuais, é para tornar mais certo e efficaç, as consequências do fervor da concupiscencia que dia e noite o devora.

E quando uma vellice precoce o rebuz as condições da sensualidade, e um das cintos generiaes se mostra embotado, lancara' mão de meios e praticas as mais humilzas e degradantes, no intuito de satisfazer as suas mais instinctos, transformando-se em um ser de nova especie que só tem de humano o exterior, ainda que arraz deformado pelos estygmas do mau uso, abuso e perversão dos mais nobres instinctos e sentimentos.

A carne do peccado é a concupiscência ou desejo desordenado das prazeres e bens reais ou fictícios.

E foi este desejo desordenado que introduziu no mundo a lucta da carne do peccado contra o espirito, a qual só depois que o primeiro casal se revoltou contra o seu Criador, começou a estender as suas tentaculas envolvendo toda a humanidade. Porque a carne de boa que era, tornou-se má, não em si; mas pela addição da concupiscência, que, depois da culpa original, criou no homem uma carne segunda natureza.

Assim é que a carne do peccado com a qual Deus revestira o primeiro homem, tornou-se má, e tão má que, depois de se haver voltada contra o espirito, tem sido muitas vezes a causa do espirito também se voltar contra Deus e se materialisar como a carne, para viver da vida da carne do peccado.

Pelo que, se depois da culpa original, o homem ainda não conservasse a imagem e semelhança de Deus, bem que um pouco alterada, passaria a pertencer a uma classe inferior. Tão aviltantes são muitas vezes as inclinações e operações da carne do peccado.

E no entantanto a substancia que a constitue ou o involucro material, do qual damos o nome de corpo, é bom, como também boa é a alma que o informa; porque

tanto o corpo como a alma foram cria-
das por Deus.

E se depois da culpa de origem, allu-
guimos á carne todas as males que
passam sobre o homem, não é a car-
ne primitiva creada por Deus, antes
a carne creada pelo peccado. Porque
a carne creada e abençoada por
Deus, como outra vez ainda se con-
serva boa, muito embora não como
outra vez, por causa de certas qualidades
que a culpa original lhe imprimeu e
a transformou pelas suas tendências
posteriores em carne do peccado.
Comêdo hybrida creada pelo espirito
das tuvas, quando naquelle dia
fatal elle seduziu a primeira
mulher, e ella, depois de haver comido
do fructo vedado, deu-o a comer
ao primeiro homem.

E é esta carne do peccado, da qual
nos falla S. Paulo ^{inferno-a} e a ella ~~se refere~~
S. João, ~~affirma~~ que, tudo quanto
existe neste mundo, se reduz á con-
cupiscencia das almas, á concupiscencia
da carne e á sublelia da vida.

Não é que, segundo o Apóstolo S. João,
tudo quanto neste mundo é carnal,
de nos impressionar, se reduz a
concupiscencia das almas e da carne
e a sublelia da vida, isto é, aos
desejos desordenados dos prazeres e bens
reais ou apparentes deste mundo e ao
orgulho.

Não obstante isto, no mais deute-
dicante universal que a culpa de
origem produz, ainda nos resta
uma esperança, que muito nos anima
e consola; e vem a ser, que o nosso
corpo com todas as suas faculdades,
conquanto, sob as suggestões da carne
do peccado, se sinta inclinado
ou impellido pelo desejo desordenado

São bem a paznos deste mundo; todavia elle permanece, quanto a sua origem, seus fins e intima natureza, e guisa antes da queda de nossos primeiros pais, e emquanto decaído de um primitivo estado de graça e rectidão paradisiaca. Porque a concupiscencia, qualquer que ella seja, não constitui para o homem uma lei fatal, como succede com os animais; pois, elle ainda goza, como antes da liberdade de accão e elisão, com quanto, muitas vezes, se sinta mais inclinado ao mal do que ao bem, por causa do enfraquecimento da sua vontade devido a culpa original.

Mas esta força que, em parte, a culpa primitiva, lhe arrebatou, ella a pode recuperar pelos merecimentos de J. Christo, que nos são applicados principalmente quando nos appro-
veitamos dos sacramentos.

A graça, portanto, que nos é concedida pelos merecimentos de J. Christo, é a força neutralizadora e mais que compensadora, a qual restitue novamente esse maravilhoso equilibrio sobrenatural que existia entre as potencias da alma e do corpo, antes que nossos primeiros pais tivessem pecarizado. —

Cap. XX. Origem da carne do peccado.

A carne do peccado vem do mesmo peccado que a engendrou. Porquẽ, como bem reflecte S. Paulo, tudo quanto nasce da carne, e' da carne, e a carne e' como ella corruptivel; por isso mesmo que e' carne, e' i' proveniente da carne corrompida; assim como tudo quanto nasce do espirito, e' espirital e tende a Deus.

Segundo - e' daqui que, tendo Deus creado o homem em uma carne que participava das qualidades do espirito, as operaçõs, desta carne, levavam a cunha da justiça e da rectidão em que elle havia sido creado.

Depois, porém, da culpa de origem, deu-se uma inversão imprevista pelas nossas primeiras pais, embora annunciada por Deus e em muita antecipação com aquellas palavras: No dia que comerdes da fructa rubra, morrereis.

E foi, em virtude desta inversão, que o espirito como que se materializou, e a carne do peccado, passou a occupar o lugar da carne creada e abençoada por Deus, e a dominar e subjugou. do bem que haviam perdido e do mal que sobre si e os seus descendentes, haviam chamado, tiveram então uma nitida comprehensão pela sua sublição que em seu proprio ser experimentaram.

Quête ora, ignoravam - por completo que era a nudez, após apesarem de apresentarem-na; mas logo após a culpa, foram acullar-se.

Ora, uma mudança e de ordem semelhante a esta, sempre se dá quando o homem se afasta

de Deus pelo peccado. Porque todos os
descendentes de Adam, trazem com
siigo este germe de corrupção
transmittido pela carne do peccado,
que nos subiecta ao mal, e quanto
nos que se seguem, outros germes
individuaes que podem passar aos
seus descendentes como os engrammas
ou estygnos provenientes da culpa
original, passaram a todas as descen-
dentes de Adam não privilegiadas de
preservarlas como J. Christo e sua santa
Mãe a Virgem Santissima.

El' realmente triste a estado a que
ficou reduzida a nobre esenceia,
e ainda mais triste se tornaria,
se, no dia em que nosos primeiros
pais previeram, Deus não
lhes tivesse promettido um Salvador.

Sobre o instinto da procriação.

Se os órgãos correspondentes à procriação e o prazer que lhes é inherente, foi assim foram criados por Deus; porque razão me dirão só no matrimonio é licito usar destes actos e dilatar - e do prazer unívoco que os acompanha ...

Acaso é o fim pelo qual o matrimonio foi instituido que os torna licito?..

E neste caso affirmativo, poderia um acto que é prohibido, tornar-se bom em consequencia do fim que temos em mente?.. Mas então, a que fica reduzido o principio de moral, que nos ensina que não é licito praticar o mal para conseguirmos um bem? Non sunt faciendū mala ut veniant bona?..

Não ha duvida, que até certo ponto, tendo razão, se considerarmos a coisa em si mesma em um abstracto. Não meus, porém, assim se a considerarmos em concreto. Porque, se o acto, antes e depois da culpa original, era em si bom, tendo presente o fim pelo qual Deus o instituiu; pelo facto de o ser de origem que a culpa de origem tornou-se em mal, sem virtude da concupiscentia que então não existia, e que segundo St. Agostinho, fazendo, acompanha e como que unifica a alma com todas as suas potencias.

De forma que, o que até ora era bom não só quanto ao acto, mas ainda quanto ao prazer anexo, tornou-se em mal, não em si; mas em mas em consequencias addicionadas pela carne do peccado.

E foi por este motivo que tais actos só são permittidos aos casados; não sendo permittidos a quem não está unido. e daqui que antes da culpa

fizeram promittidos aos não crentes, que nem
se primeiro coral, e ao mesmo confirmados
estado de graça que haviam sido crentes.
Porque, neste caso, não havia razão para fazer
esta prohibição, pois, tudo no homem con-
tinuaria a revelar aquella sua primitiva
equilíbrio das suas potencias d'alma e do
corpo, em virtude da qual, o precioso
divino só se realisaria entre os cren-
tes; porque elles não contrarião a attra-
ção um pelo outro, devendo pelo esti-
mulo da concupiscencia, que não cessaria,
tornar-se em cumprimento de um
dever, e propriamente existir no
paiz que se devia equiparar, porque
se se approximavam como seres huma-
nos, elles se amariam como amigos
e como tais gozariam. O contrario
procuramente do que se verificava logo
após a culpa original.

Depois de tudo isto, e de
 ver-se a' que um acto (bem tornou-se
 mais, não em si, porque continua a ser
 bem; mas sim pelas circunstancias
 concomitantes e a directura que
 pela carne do peccado. E foi preciso
 que Deus para de alguma forma alle-
 nuar as consequências da carne do
 peccado, instituisse um sacramento,
 qual é o do matrimonio, em virtude
 do qual, tornou-se nos casados como
 mesmo dentro do matrimonio, praticar
 a castidade conjugal, libertando-se
 dos ~~peccados~~ ^{do peccado} consequências que couber
 a carne ^{do peccado} e as ^{do peccado} invencíveis
 dependências.

Cap. VI. As quedas algumas vezes se
tornam gravitosas.

44

Para quem tem fé e não transige com
suas culpas e misérias, a peca-
ca constitui um triste e doloroso accidente,
porque, pecando, neste caso, o homem,
não se volta contra Deus, nem dissimula
o mal que praticou nem culpa
ao seu proximo, procurando inno-
centar - e como fiquem nesses pri-
mários paes; mas, como David, sob a
acção da graça, reconhece e confessa
arrepentido e humilhado a sua culpa,
balucando com as alturas mar.

Peguei, Senhor, tende piedade de mim.
E erti peguei, Senhor, profundo por um
coração contrito e humilhado, en-
cura em si alguma causa de sublime
e sobre-humano, que, elevando o
homem sobre si mesmo, o reconci-
lia com Deus, constituindo esta sua
segunda, não raras vezes, para o prin-
cipio da sua conversão e santifi-
cação.

E foi por este motivo que J. Christo
instituiu um sacramento para
perdoar peccados mortaes, porque,
como elle affirma, não deseja
que o peccador morra; mas que
viva e faça penitencia pelos seus
peccados; e que, no Céo, far- se ha
mais fôrça por um só peccador
convertido do que por noventa
e nove justos que perseveraram
na justiça.

Santissima e moral sublime, como já
alguem o disse, que ainda depois
de tornava o homem pelo peccado,
premia reconcilia-o estipulando com
o seu Criador a purga de suas cul-
pas e misérias.

Doutina e moral ineffavel que para
 os que tem fé e a praticam, depois de
 momentos de allucinaçã, se convertem,
 são recolhidos, quasi fôrtes prodigos, pela
 Pai celeste em seus amoroso abraço.
 Doutina e moral animadora que tem
 transformada, através das seculas, tantas
 grandes pecadores em tão grandes san-
 tos, das quaes a memoria preservará
 eternamente no Ceu e na terra, como um
 hymno de gloria entoado a' bondade
 e misericordia de Deus que, tendo criado
 o homem a sua imagem e semel-
 hança, fôrno abandonado.

Doutina e moral inoffavel que para
 as que sem fi e a praticam, depois desses
 momentos de allucinacão, se compoem,
 são recolhidas, quasi filhas prodigos, pelo
 Pai celerte em seus amoroso amplexo.
 Doutina e moral animadora que tem
 transformada, através das aculeas, tantas
 grandes peccadoras em tão grandes san-
 tas, das quaes a memoria permanecerá
 eternamente no Ceu e na terra, como um
 hymno de gloria entoadado a' bondade
 e misericordia de Deus que, tendo criado
 o homem a sua imagem e seme-
 lhança, fanniso abandonou.

16.
Cap VII Sobre a economia divina com relação
à conversão e santificação dos homens.

Ha creaturas que vivem em Deus e
não se applicam a quem as mais praticam
a Religião, e não obstante isto, vivem
completamente esquecidos do sobrenatural.
E se algunos vezes discorrem
sobre estes assumptos, o fazem como se
tratasse de questões scientificas ou de
crenças philosophicas.

Ellas são, em geral e com que a pareciam,
variações destas mitigadas, ou, livres
pensadores, como o vulgo as alembham.
Como Paulo, antes de convertido, perse-
guia muitas vezes os representantes da
Religião e se voltam contra as pessoas
privadas.

É mais interessante é que estes centes
se dizem e se têm em conta de catho-
licos, taxando de phanaticos aquelles
que não sinceramente privados.

Desta catholicos encontramos uma
immensa variedade no seio do
Christianismo, as quaes se as julgarmos
pelo exterior, podemos enganar-nos
facilmente; porém é bastante en-
travados em conversação por alguns
instantes sobre assumptos de religião,
para logo parecermos com quem
citamos tratando.

Se são individuos educados e de uma
certa instrução, quomodo podemos que
procuramos de um modo contrario, ou
se calar ou dar-lhe com muita des-
tiza a conversação para um outro
assumpto.

E neste caso, não convém insistir,
sob pena de avariarmos muitas ve-
zes de agraças, principalmente
se elles pertencem a esta classe de
devoradores de livros contrarios ao

19 14
nossas cruzes religiosas.

E' bem possível que em vista do que ha
nello de bom e das virtudes naturais que
possuem, Deus os chame, renão nos
poucas horas, ao menos nos deves-
duas, aguardando amorosamente a
momento favoravel em que possa
conciliar a accão da graça com a
sua liberdade, como requito acontece.
E' necessario, portanto, cultivarmos a
conversação com quem nos honram, prin-
cipalmente se são bons, honrados e
mostram temor a Deus; pois, e' quasi
certo, que renão em vida, ao menos
na hora da morte, recanheciam os
seus erros e recebiam contritas
as sacramentas.

São-nos casos em que algumas destas
almas privilegiadas, depois de se have-
rem resolvido reconhecer-nos com
Deus, se tinham todo tempo de receber
a absolvição em ~~de sua singelas~~
a extrema-unção. Mas nem por
isto nos devemos affligir, porque e'
bem possível que a absolvição de a
extrema-unção lhes tenha aproveitado,
em vista das boas disposições que antes
da morte haviam mostrado. Pois,
além das muitas ordinarias ^{que} obsequias
q. Christo estabelece e dos que a
Egreja se serve; f. Christo reserva a si
muitos mais que longe, de contrariar
as prestabilheitos, vem reforçá-los.
E são destes mais de que elle se serve.
muitas vezes para salvar muitas al-
mas, que sem elles, se perdiam.
Mas nem por isto devemos supuzer os
que a nossa Santa Madre Egreja usa
e nos propõe, confidendo nesses mais
e outros ordinarios, porque seria certa
e quasi inevitavel a nossa per-
dição.

Ha muitas fúneas que na hora da morte
 chegaram a conhecer o mal que fizeram,
 que sem uma assistência especial do
 Alto, terião o mesmo fim de Judas. Pelo
 que, na desastrosa hora, Deus, levando
 em conta, de um lado a ignorancia,
 e de outro lado, a boa fé com que vivem,
 e tantas outras circumstancias que só elle
 os conhece; se nesse terrivel momento,
 não lançar um olhar de misericordia
 para elles como succedeu com Pedro.
 E as conseqüencias deste olhar de
 nosso amorrissimo ~~Jesus~~ Jesus não se
 se manifestar, estendendo para que
 estas almas se convertam a ultima
 hora e morram no abraço da
 S. p. —

A invenção da carne do peccado constitui
uma das mais humilhantes consequências
da culpa de origem.

Seria por i' impossível que
com o volar dos tempos as que se amam,
antes mesmo de se possuírem, quando me-
nos uma das partes, não exporimente as
consequencias da carne do peccado.
Segundo, porque ainda mesmo depois de
se terem unidos pelas vinculas do ma-
trimonio, no intuito de o consummarem,
vão sempre procurar a solidão, porque
recusam as vistas. E porque?..

Porque se invejam.

E porque se invejam?... Por acaso
não consumam um sacramento?..

Se invejam não é porque consumam
o sacramento, antes porque comminam
jurando, e contra a sua vontade e não
raras vezes com grande tumulto, que a
carne do peccado, os refugie os condões
de ser racional; justamente quando
esperavam que através da matéria
consequencia a fusão de suas almas,
em virtude da qual, muitas creaturas an-
gêlicas, sacrificaram a sua integri-
dade original.

Nos se Deus permittiu que a creatura rati-
onal sentisse as consequências, da culpa
original, é por que talvez depois da
queda de nossos primeiros pais, quando
o homem e a mulher se amaram, e
cantiverão com o amor inicial
isto com a paz do objecto amado,
e pela intelligencia e o coração.

É este o sentimento que exporimentou
tudo aquelles que se amam realmente
com um amor puro e cheio de
humildade. Remin a' que se não
fora as consequências do peccado
da carne, possuiriam o prazer com
os evangelicos, logo se peccado do vino
se ouvia e multiplicar-se-ia.

Consequencias.

A carne do peccado suia, por consequente,
que por natureza possuiria o homem, re-
faria cravar um estado natural, a qual
pelas suas inclinações havia de si-
tegrar-se com a do inacional, muito
embora assistida pelas dictames da razão;
sem o qual elle seria um animal
irracional com forma humana.

Forme o homem em consideração ao
seu a que Deus o destinara, e se não
de condigno, ao menos por conveniência,
o creara, purificando-o, por graça
e que elle, por natureza deveria estar
sujeito como os irracionaes. *comparação*
e activo que elle *possuía*

reflete como os anacionais. ^{congruente}
 E é por este motivo que elle ^{acorda}
 nunca desce de um estado primitivo
 de graça e rectidão, ainda se conserva
 se anistia muito differente do ho-
 mem hypothetico creado em estado na-
 tural, nem graça nem os privilegios
 com as graças opprou ao Criador
 e amulda o primeiro homem.

Pois, conquistando muita - e opprimindo
 sob o jugo tyrannico, da carne
 da fúria, tornando - e forte contra
 os seus estímulos, tanto dentro como
 fora do matrimonio, elle pode elevar -
 a uma grande purificação, e occupar
 no ceto os lugares mais elevados
 e gloriosos. Porque está n'esta
 - que são humaventurados os limpos
 de coração, porque elles meão a
 Deus.

O que se fez preciso, é que cada um
 se converseira que é ~~para~~ necessário
 com o auxilio do grupo, conservar
 mo. nas cartas, cada qual em sua
 estado e de accordo com a sua voca-
 ção, e que não desanimem se por um
 tempo reconhecerem um ao outro como
 alguma natureza carente pela carne dos fructos
 das individuaes.

Capo. IX. Consequencias da carne
do fuscado.

Tudo quanto neste mundo, de um modo
continuo á lei divina, é capaz de impres-
sionar a nossa mente e o coração,
devemos attribuir as invencões da carne
do fuscado.

São i' fructo da carne do fuscado,
essa impossibilidade de amar-se
a um objecto capaz de impressionar
a intelligencia e as virtudes, sem
que, com o volver das tempas,
não venha o amor espiritual a
materializar-se.

São fructos da carne do fuscado,
esses espetaculos, seus cinemas, suas
fitas que se improvisam na escuri-
dão, em quanto as circumstantes têm
os olhos voltados para a tela.

São fructos da carne do fuscado,
essas modas, seus usos e costumes
os quaes constituem nichadinhos de
tentados contra o pudor e a mo-
destia christã.

São fructos da carne do fuscado,
esses concertos, seus serenatos, seus
encontros noturnos, seus conchegos,
seus convívios a sós, seus coquetos e
concursões perigosas, que no fundo
são verdadeiras inversões dos mais
nobres sentimentos.

São fructos da carne do fuscado, seus
bailes, seus danças, seus musicas,
seus casar mopeitas e reuniões degra-
dantes, nas quaes se dança, se come,
se bebe e se vive culto a Bafo e á
sua inseparavel campanhã.

Cap. X. A concupiscencia dos olhos.

As consequências da carne do pecado, apesar de serem innumeráveis, como o Apóstolo S. João, prestamos conta a tuas fontes principais; isto é, a concupiscencia dos olhos, a concupiscencia da carne e a soberbia da vida.

A concupiscencia dos olhos se refere a todas as desejos desordenados que nos vêm principalmente pelo sentido da vista, a qual é proveniente do desejo de apparecer e de gozar dos bens e prazeres deste mundo.

A vaidade, a inveja, a van gloria, o desprezo, as injustiças, o odio, o rancor, as perseguições, as oppressões, a deslealdade, as calumnias, as detrações, as alivozias, e tantas outras males, são consequências da concupiscencia dos olhos.

Felizmente aquelles que se discaem a partir pela concupiscencia dos olhos, não se facilmente se cançam, porque em qual, não passam de mediocridades, que auxiliados por uma boa estampa ou boa memoria e a força de rubiscarem ou de se dirigirem as mãos, chegam a vencer-se que são grandes oradores ou escriptores.

Incapazes de produzirem alguma coisa original, elles vivem mais dos applausos dos que sabem menos do que elles, do que fazeissem d'elles um tomum as suas vantagens pela posição que occupam, que a conta de mil astucias, intrigas e humilhações conseguiram - nn. Tais individuos acabam sempre por um só caminhar, se elles vir a faltar o calor das grandes e altas laudas.

Outros ha, como vemos, que se concupiscencia dos olhos, param a se carne.

Cap. XI. a concupiscencia da carne.

A concupiscencia da carne é tão com-
 mum, que ainda aquelles que suppunham
 que estavam esentes pela educação ou
 conformação organica; com todo, tendo-
 se encontrado em occasiões apropriadas
 para que ella se revelasse, ~~teriam~~ tiveram
 de gemer sob o seu tyrânico jugo
 se tinham fé. Pois, para quem não
 tem fé, logo após as primicias luctas,
 vencidas, deixa-se háo arrastar, inq-
 uestionado, pela carne do peccado.
 E talvez não haja vicio que tenha feito
 maior numero de victimas e contribui-
 do para a decadencia da humani-
 dade em todos os tempos, como o da
 concupiscencia da carne.

E é bastante olibar para o estado
 de degradante a que chegue a hu-
 manidade, não só antes da vinda
 de Meias, unão tambem depois da
 sua vinda, principalmente nos tem-
 pos que atravessamos.

E ai! de nós, se no meio desta corru-
 pção universal e anarchia dos sentidos
 e dos sentimentos, ainda não houvesse
 creaturas que reagindo contra as
 invensões e os estímulos da carne
 do peccado, não se conservassem
 puras, santas e immaculadas, de-
 tendo o braco de Deus, justamente
 indignava contra a humanidade.

O pecado da eparchia é o peccado de Onas, praticado sob varias formas e em qual mais degradante, com o fim de evitar a procreação, ainda mesmo entre as que se uniram pelos vinculos do matrimonio; o qual, não só por este facto, constitue um peccado grave por sua natureza; mas ainda, porque trata aquelle que assim procede, vae de encontro o fim principal do matrimonio. Porquanto, evitar a procreação, sob qualquer que seja o pretexto, ainda que grave, segundo o parecer dos medicos, não é absolutamente licito. E este attentado contra a moral é tão grande e injurioso ao sacramento do matrimonio, que, aquelles que o committam, incorrem na maldição de Onas e da Igreja.

Pelo que toda mulher que rendendo o dever matrimonial de modo devido, se oppõe ao fim do matrimonio, fôrta o direito aos actos matrimoniaes e se usa de meios para procrear o aborto e o sangue, incorre nas censuras da Igreja, em virtude das quaes, permanencia fora da communhão dos fies, enquanto contrita e arrependida, não se confessar e não tiver um firme proposito de emendar-se.

Assim tambem o homem fôrta os seus direitos aos actos conjugaes, se impoer ou obrigar a sua consorte a neutralisar os effectos dos actos procreadores.

E neste caso, só o que não for culpado, poderá aproximar-se da sua consorte, embora saiba que

contra a sua vontade, ella lancará
mão de outros para não conceber; pois,
em tais emergencias, o não culpado
usa de um direito que lhe assiste e
não deve soffrer as consequências da
sua vontade e contumacia da parte
procuradora; porque, neste caso, a
sua cooperação será material e não
formal.

E se, segundo o parecer dos medicos,
a mulher corre um grande risco
durante o tempo da gestação, na
parto ou depois da parto; neste caso,
porem, a proximidade de um da-
ntor, somente naquellas epunctas
em que se torna impassivel a conce-
ber.

E se por ventura, este expeditivo for
impassivel por circumstancias alheias
a propria vontade ou furebam que se
repreem ao furiga de incontinencia
ou infidelidade, fuream a Deus a
gineia da continencia; porum, fu-
cam. na cam fe, contumacia e despo-
de rum attentidos, evitando cam
os factos, contudigerum a que pesem
cam as palavras. E tinham por
certo que Deus não descaia de exau-
dir, em virtude das suas promessas
e das graças annexas ao sacramento
do matrimonio; porquanto, estas
gracias não se referem somente a
fidelidade matrimonial, mas ainda
a continencia absoluta, quando por
motivos subnaturais, como neste
caso, os casados têm que optarum
pela continencia absoluta; o que
longe de contrariar para prejudicar
a natureza, si poderá contribuir para

com o bem da natureza.

o bem estar natural e espiritual.

O medico pdeu chegar as causas mto as;
pdeu natural ou physiologico, e ordan
m^{to} seu direito ou melhor em seu papel;
mas, nem por isto, devemos seguir as
suas conselhos; porque, o que com os esforcos
naturais e os meios therapeuticos, não se
pde conseguir ou se torna im-
possivel; com os recursos naturaes e a
cooperacao da graça, não se efforça
mel, mas ainda se torna muito facil
e quasi que natural, com o valuer dos
tempos e a accão da graça.

O pendor aos actos prolixos e excessivos
uma inclinação que só se encontra
antes de qualquer experiencia, porque
ella constitue tanto na sua racional
como na irracional um instinto
natural; na irracional i para elle
uma lei fatal; não se conhece assim
com o racional, porque esta ten-
dência imorta, está regida por
dictames da razão.

O bem. se apagar da creatura sem
tudo se inclinação aos actos prolixos
deves ao entrar na bulência, tomar
todas precauções, para não se perder
i certo que se ha manifestar
vencer. e do que depois de ter o
seu modo; porque no primeiro caso
sente-se ha impellido pelo instinto
e no segundo caso, não se pelo
instinto natural, mas ainda
pela repugnancia ao generio de
lambança se proger que se combata
este instinto e se perimunda.
Pelo que diz-se de alguns especis
de o sobreviver elle não depla
muito attonido. Em toda caso
se proger fin natural elle
procurar renovar todos os obste-
culos, que por natureza o proger mli-
eitar no acto de modo eu cri-
chir et amantem, o bem habito
sua mltitudinal pelo o antigo
e como acto de m, elle somente
com a solidez dos tempos sua
attonido pelo instinto natural
e com mltitud menas rickem-
cia, proger combatendo rick-
Amaticamente stich g. e proger
fazer entao em tonação, wica
com a solidez a mltitud e mltitud mlti-
tudinal natural.

Cap. XII. A soberbia da vida.

Conriste a soberbia da vida ou o orgulho, em querer collocar-se o homem acima de todos. E é por isto que o orgulho não admite que ninguém lhe faça sombra ou ponha obstaculos as suas pretensões desordenadas, sob pena de incorrer em suas iras.

Pelo alto conceito que tem de si e de suas qualidades ou posição social, alim de se collocar acima de seus semelhantes, não raras vezes, como o espirito das trevas, exige, principalmente daquelles que o ordeiam e que dependem d'elle, um culto que só é devido a Deus. Em seus arrebatamentos é como a enchente de um rio caudaloso, que avassala tudo e põe tudo por terra; mas, sem se lembrar ha algum que uma oppor. se as suas ideias e planos muitas vezes semistam.

E é por esta razão que Deus revirte ao soberbo e o humilha; porque elle não fucca por fragilidade, senão por malicia e contumacia. E a Deus o castiga severamente, e porque, no orgulhoso, não encontra um attenuante sequer, as suas culpas ou para que possa compadecer-se d'elle; pois, como o anjo rebelde, ainda depois da queda, blasphema, brabando: non sumus; assim o orgulhoso, com quanto humilhado, prosegue inflexivel a praticar o mal.

Qum amor proprio é tão desregulado e a sua malicia e contumacia são tão grandes e insensíveis, que se Deus podesse ser destruido, o orgulhoso, para não se humilhar, invidaria todas as esforcas para o destruir. E é por este motivo que elle muitas vezes, se atira contra os seus adorados.

30

res inflado pelo espirito infernal, e por
seu morrer, vencido e humilhado, pro-
ferindo, como Juliana o apóstata, a
mais horripitante das blasphemias.

Cap. XIII. Nem todos os que apparentam
ser orgulhosos o são.

Não é orgulho quando
nos indignarmos por um motivo
justo e santo; mas ainda assim, é
necessario não nos excedarmos; porque
a nossa indignação, comquanto justa
e santa, pode transformar-se, sem
que o percebamos, em orgulho.

Exto acontece quando tornos frios
em nosso amor proprio, ao demarcar-
do apego que temos a nossa digni-
dade ou posição social.

Em tais casos, começamos a gir
movidos ^{mais} pelo amor proprio do que
pelo zelo, a causa santa ou a justiça;
ainda que, apparentemente, nos
esforçamos ao nos esforcemos para
nos justificarmos e darmos a conhe-
cer o contrario.

Neste erro incorrem facilmente as
junções piedosas, ainda pouco mor-
tificadas, principalmente as que
governam.

Nas as repetidas recabidas em tais
transportes, nascemos quando pere-
cemos que nos excedemos, postu-
mos-nos de criterio para julgarmos
se fomos movidos pelo amor pro-
prio ou pelo justo e santo indigna-
ção.

33

Generalmente fallando, podemos ter
por certo que nos indignamos mo-
vidos pelo amor proprio, quando
com as palavras, percebemos que fal-
tamos a caridade e humilhamos
ao nosso proximo propositadamente
sem que para isto haja necessidade.

O amor proprio ou demasia da estima que temos de nós mesmos, é a raiz da frondosa arvore do orgulho, a cuja sombra, e artumam repousar as desgrategidas da sorte, e que não obstante isto, desejam apparecer e estar sempre em evidencia.

Qual nababo, protegido pelos seus commensaes e mercenarios, o homem cheio de si, dorme o seu somno apparentemente tranquillo, rockando com milaventuras e triumphos sobre os seus inimigos e adversarios. E em suas manifestações, elle apparenta ser orgulhoso, sem não obstante ~~de~~ ter motivos para isto. Porqu, em qual, elles são medio cridades, que vivem ao calor dos magnates, são vis, cobardes, rancorosos e traiçoeiros. Não se esquecem das injurias e maus tratos. E se as vezes, com o sorriso nas labias, parece que se esqueceram de tudo, é por communicação e como feto, de mais tarde, de exercerem a sua vingança, servindo-se de meios tão vis e irritantes que expõem as suas victimas a se indignarem e se excederem.

É é precisamente o que elles desejam no intuito de ainda mais as desprezarem e descreditarem.

Ante os poderosos e as que têm alguma influencia sobre elles, humiltham-se-hão apparentemente até se retrairarem. Porém para elles, tudo isto, não quer dizer nada; porqu tempo virá em que elles, aproveitando-se das circumstancias desfavoraveis das qua elles são superiores, exercerão impudentemente a sua vingança.

explicação, ou cativá-las nas
almofadas que cativam os que
procuraram uma explicação
fora da realidade divina. *¶*
Se' na realidade divina, portanto,
podermos encontrar a causa deste
pulsor inerte a nossa natureza.
E que nos dizem as Sagradas Páginas
a este respeito? — Que esta mutua
inclinação, é uma consequência,
não só da carne do peccado, mas
da carne criada e abençoada por
Deus, que ainda murmura depois da
culpa da origem, é a causa pela
qual os dois sexos se sentem atra-
hir um pelo outro e de uma maneira
quasi que irresistível; porque elle
constitue um dos factores do amor
puro e immaculado do amor na-
tural, porque é'elle que reside
a razão de ser e sustento do amor
conjugal; e que, é'então a
promittida permanencia de
as inspirações da atracção do sexo,
criada pela carne do peccado, não
vêm perturbar esta mutua atra-
cção ~~criada pela~~ da carne criada
e abençoada por Deus.

Dahi, uma impossibilidade de
tercer, de um sexo para com
o outro, sem que exporcionem
as tristes consequências da carne
do peccado, ainda que se lembra
se sintam inclinadas a amar
pelas inspirações ou atracção da
carne de graça. *¶* E dahi
tambem um dos meios mais precisos
de que se servem para não para
murmurarem, reagindo contra os

estimulas da carne do peccado,
para seguirmos, com a auxi-
liao de Deus, somente as inspirações
da carne da graça creada e aben-
çoada por Deus.

Circunstancia esta, a qual con-
tribuirá para que, não obstante
os estimulados da carne do peccado,
possamos viver unicamente das ins-
pirações ou attractivos da carne da
graça, a qual, como que spirituali-
zando a carne do peccado, communica
com a ser humano, quando tende
a ser soffrente, em obediencia a
um precepto divino, aquellas qualidades
naturas subornaturalizadas e em virtude
da das graças, consummando o sacra-
mento do matrimonio, merecerão
para a vida eterna.

Oportunos, portanto, estas bendi-
ções ou inclinações da carne crea-
da e abençoada por Deus, e que ainda
se manifesta em sua força
no amor inicial da spiritual,
é uma consequencia das fins
pelos quaes criou Deus o homem e
a mulher; isto é, para a conservação
da especie humana e multiplica-
ção das filhas de Deus, mediante
a junção da carne e do espiri-
to, ambas nobilitadas e santificadas
pelos sacramentos do matrimonio
e da ordem sacerdotal.

É tambem uma consequencia
da carne do peccado, tomada
pelo inimigo da human, na
mesma carne creada e abençoada

por Deus e sobrenaturalmente forte =
 brado por Deus, e que Deus promit-
 tin que crecesse como a rigancia
 no meio do trigo, no intuito de
 camuflar, pela mortificação e as
 graças sacramentais, em uma
 das fontes (mais preciosas de munici-
 mentos para a vida eterna, pela pra-
 tica da castidade virginal e da
 castidade conjugal.

Orá, a castidade conjugal, que
 consiste em evitar o mau uso e o
 abuso dos actos que se referem a
 conservação da espécie e em não pe-
 car contra o sexto e ^o mandamento,
 a castidade conjugal com quantos
 por si seja um estado perfeito e
 santo sobnaturalisado pelo sacra-
 mento do matrimonio, todavia
 ha um outro estado mais perfeito
 e santo, qual é o ~~de~~ ^{de} ~~que~~ ^{que} ~~praticado~~
 da castidade virginal. E ainda que
 se possa perder a integridade vir-
 ginal por pensamentos e obras;
 não obstante isto, pelo arrependi-
 mento, a penitencia, e a absolvi-
 ção sacramental e a pratica da
 virtude contraria, é possível
 recuperar-se a integridade moral,
 isto é, da alma; porque o pecado
 não está no corpo senão no al-
 ma, primeiro principio da vida e
 actividade do ser humano.
 Logo, se não for assim, não
 venerariamos os corpos ou as
 reliquias de certos corpos, depois
 que pela função da carne
 quizam os seus possuidores, não
 se santificarem, mas ainda
 merecerem os honras de santos

altares; porque não era o corpo
 santo e mais uso e o abuso que
 sobre o mesmo fiziam elles o seu
 peccado, que se tornava oppro-
 briamente mais. Pelo que tendo
 sido removida a causa pela qual
 elle se tornava mais, voltou a
 ser o que era antes de ter sido
 profanado pelas invocações e subversões
 da eum de peccado; isto é, santo e
 immaculado e por consequente
 digno da nossa veneração; porque
 é o corpo de uma alma gloriosa
 que pelo facto de estar de paore
 se tornou aventureira, a Egreja de laza
 que é santo e seu peccado, e por
 tanto e mal-o proprii eum mo-
 do de virtude e santidade.

38.
natureza muito propensa ao
mal, da perfeitamente a
conhecer que ainda se acha
muito distanciada das co.

minhas que conduzem a per-
fecção christã, que são immor-
tificadas e que pouco ou nada
podemos esperar em relação ao
seu futuro espiritual.

A modestia e o recato para com-
nigo mesmo, chamarão sobre as
funções que o praticam, muitas
graças, pelas quaes, ellas chegarão,
com o tempo e quasi com o presen-
te, a não sentirem o peso
do involucre da materia.

E, se por ventura as más tendências se
manifestarem, sem que para isso
haja contribuido, saberão com tanta
destreza, facilidade e promptidão
derribal-as, que, a ellas mesmas,
causará admiração. Porque pa-
reu-lhes-ha, raras occasiões,
que ha nellas duas personalidades;
uma que sente, e outra, que, não
só não consente; mas que, além
disto tira proveito destas tentações,
para mais e mais se consolidarem
em uns firmes propósitos de progre-
sarem na perfeição christã.

Pelo que, além das necessidades que
a imbecilidade da materia exige,
não permitthamos nenhuma outra
accão, por mais indifferente que
no momento nos pareça, sobretudo,
e pela propria experiencia, reconhe-
cemos que poderão facilmente
transformar-se, quando menos
em occasião remota de pecarmos
ou de entrarmos em tentação.

Cap. XVIII. Sobre a intima natureza
dos actos procreatores.

Haes são as centras que concorrem
para a realisação procreatores, o su-
perior e o inferior.

Estes duas centras estão entre si tão
intimamente ligados, que se tor-
nam solidarios e mostram um a
tal ressonancia organica que chegam
a influir um sobre o outro, ainda
muito independente da vontade.

E é d'acção conjuncta destes duas
centras, que consiste a effectuam^{to} os
actos ginecarios e constituem um dos
elementos do amor conjugal.

Supor é que, se um destes centras
não funcionarem ao fime cívico-mu-
tual, a fim principal do matrimonio,
não se realisará. Porque as impressões
recebidas pelas centras superiores se re-
flectem nos centras inferiores, produzindo
o individuo no grande acto da procrea-
ção, no qual tanto a alma como o
corpo, cada qual a seu modo, tomam
parte, dando por resultado a inte-
gridade do amor conjugal.

O centro superior tem a sua sede
no cerebro e a do centro inferior, está
localizada na medulla espinhal,
suas ramificações nervosas, se destina-
dam até as orgãos da geração.
Se o centro superior não funcionar,
surte-se-lhe a impotencia moral.
Então o desejo, da parte material,
deixará de existir, o que constituirá
uma nevrosia psychica congenita
ou accidental.

Se o centro inferior não funcionar,
isto é, não reagir sob o influxo do centro
superior nem directamente sob a acção
dos objectos correspondentes ou excitan-
tes, torna a impotencia phisica ou

do organismo.

E se o *cranium* destes centros funcionarem, unificar-se-há a impetuosidade racional ou total.

No estado normal, quando estes centros não apresentam nenhuma anomalia, é possível impedi-los de reagir contra as suas tendências, evitando tudo aquillo que de alguma forma, directa ou indirectamente, impetuosidade e ainda que de leve. Porque estes dois centros como tambem os seus órgãos correspondentes, a similitude dos nervos reflexos, ainda muito independentemente da vontade, formam-se muitas vezes em accão, suscitando ideias, pensamentos e tendências contrarias as nossas inclinações ou vocações.

A verdade, não obstante isto, poderá indirectamente estender o seu dominio sobre ellas, não lhes proporcionando os meios adequados a sua evolução natural, para que não se verifique a determinação physico ou physico-logico.

Nos estados, *porum*, anormais, devido alguma anomalia accidental ou congenita, em tempo corrigida ou servida, é possível tambem, com a graça e as muitas therapeuticas, oppor-se a ellas, porque geralmente fallando são devidos a uma accão reflexa, que não conduz a uma necessidade dos actos *proliferadores*, se não um estado doente do paciente.

Pelo que, longe de se acalmarem estas *excitações* dos centros nervosos, mais intensas se tornam, se a individuação se correse aos actos *generadores*.

E é necessario em tais circumstancias, prevenir-se de todo e qualquer acto contrarios a virtude da castidade sob qual qua *putado*, uma vez que fula *experiencia* propria se percebe que longe de acalmar estes, estes mas *inclinações*, centros *buc* para *alvorar* cada vez mais os estímulos da carne.

do preado sob pena de contrabrio - ou com
 a tempo, um mau habito, resistindo a
 individual a uma especie de impuls
 cionado, cuja vontade, logo apois as
 primeiras investigacoes, seiscam - e ha
 avaratar pela vontade sensitiva uma
 appetite sensitiva, porque, amquanto
 de alguma forma factitiosa e uma consci
 cia, elle comprehendo perfectamente o
 se esta passando e pene a sua quiza
 pela experiencia do passado, enquanto
 que a sua vontade infrequencia, chega
 a puer a seu poder motivador e inhibitor.
 O acto, numa palavra, e uma can
 sequencia do determinismo phisico,
 fructificado por uma accao imprevista,
 que estava em seu poder vital-a,
 mas que devido ao mau habito que
 para elle constitue uma como segunda
 natureza, torna-se quasi impossivel
 vencer o seu mau genero especial
 e a frega das accoes ainda que
 se si consideras, constitua uma
 occasiao remota, para outros pos
 suas nao viciaes. —

Cap. XVIII. Sobre a continência absoluta.

A continência absoluta é possível para muitas pessoas ~~em um estado de pureza~~ ^{em um estado de pureza} ~~de pureza~~ ^{de pureza}, para outros, é impossível ~~para outros~~ ^{para outros} ~~sem um auxílio especial~~ ^{sem um auxílio especial} de Deus, ~~de Deus~~.

É possível para muitos outros, porque ha individuos que por natureza audivido ao ambiente em que vivem ou foram educados, não se sentem tão muito inclinados aos actos profligadores; porquanto ha muitas entre elles que os ignoram praticamente. Ora, para tais individuos, é possível permanecerem castos, com tanto que, por motivos submaternos, evitem, systematicamente, tudo quanto, ainda de longe, possa influir moral ou physicamente sobre elles e suscitar pensamentos, sentimentos e tendências contrarias a virtude da castidade.

Tratando-se, porém, de individuos que possuem um temperamento muito ardente, e inclinado à sensualidade e já affectos aos actos contrarios a castidade, é quasi impossível, em certas occasiões, permanecerem castos, sem um auxílio especial da graça; sobre tudo, se em consequencia do mau habito, crearam em si uma como segunda natureza que os arrasta com violencia ao mal. E a Egreja condemna a proposição que affirma o contrario.

Omnis therapeuticas como hum an sa bñ vontade, findão prologir os seus bons effectos, tratando-se de tantas e tão communs, porque as graças que Deus concede a todas, muitas occasiões, são sufficientes para vencer-as, com tanto que a reunirmos com prontidão e generosidade.

Não é isto o mesmo quando se trata de tentações muito violentas, não só com relação ao concupiscível, mas também ao irascível; porque neste caso, torna-se necessária uma graça especial, a qual Deus não costuma conceder, a não ser que recanheie, mas a uma necessidade, que afecções nos com muita humildade e constância, e que precedamos, de tal forma, que não venhamos a contradizer, com os factos, o que predizemos com as palavras.

Cap. XIX A continência absoluta não é contrária à natureza nem a prejudica.

A continência absoluta não é contrária à natureza nem sob o aspecto religioso nem sob o aspecto científico.

Não é contrária à natureza sob o aspecto religioso, porque é o mesmo verbo divino, porquanto tudo foi feito e disposto de acordo de certas e determinadas leis, que nos a insculpe, principalmente quando, revestido de nova natureza, habitam entre nós.

E não importa que se appelle para aquelle euei e multiplicai-vos, porque elle não foi dito a especie humana e não fã a cada individuo pertencente à mesma especie.

E affirmar o contrario, nunca sustentar a mais absurda das proposições, qual isto; affirmar que o Deus criador que é o mesmo Deus revelador, se contradizem a si proprio quando nos ordenam a continência absoluta.

A continência absoluta não é contrária à natureza sob o aspecto científico; porque não é contrario o

a natureza, tudo aquillo que perturba as funcções do organismo ou é capaz de anniquilar e destruir a natureza do individuo.

Ora, a excreção do semen humano é necessaria em dois casos: Primeiro, quando ha phletora ou congestão; segundo, quando o semen, devido a uma excitação normal ou anormal, passa das vesiculas para as cordões seminales.

No primeiro caso, a propria natureza incumbir-se ha de expellit-o como qualquer outro humor nocivo do organismo sem o prejudicar.

No segundo caso, se o individuo for afflito aos actos procreator, procurará exonerar-se talqual como faria um ser racional em virtude do mau habito adquirido, a qual o reboga e condicão de um impulsivado.

Caso, porém, elle seja casto e viva habitualmente em geaca, a mesma natureza, como na phletora, umi-nal, incumbir-se ha de expellit-o. Não obstante isto, se em tais individuos, logo após a excitação, se verifica a expulsão do liquido umi-nal, é preciso que elle recorra a um medico consciencioso, porque o seu estado é symptomatico.

Emm é que, se o individuo proceder de tal forma, que nunca de necessião para que o semen passe das vesiculas para as cordões seminales, o semen humane-se, por algum tempo, nos seus reservatorios e se não for utilisado, será reabsorvido pelo proprio organismo sem a prejudicar. É estabelecido este cyclo de formação e absorção seminal, a organismo habi-

tinar a ha a elle, e com o voluer
 dos tempos, a quisa animal fundea
 mais a ser absorvida pelo organismo
 do que a ser naturalmente eliminada.
 Porqu a natureza de um
 orgão segregante esta na razão di-
 recta da, qnta, que elle faz; acabando,
 por isto mesmo, as glandulas uni-
 versaes a funcioarem a semelhança
 das glandulas uni-segregantes ou intra-
 segregantes, como as glandulas tyroi-
 deas, renaes, etc., cujas segreções inte-
 ras são absorvidas pelo organismo.
 E ahí tendo as razões pelas quaes affir-
 mamos que a continencia absoluta
 não é contraria a natureza ^{ou} ~~que~~
 a não prejudica, mas que pelo
 contrario muito poderá contribuir
 para o bem estar moral e physico
 dos individuos que a praticarem
 principalmente por um motivo
 sobrenatural. —

Cap. XXII. Amar a amada e não
não ter-se pecaado.

Se nos primeiros pais não tivessem
pecado, a amação do amor só se
manifestaria sob as impressões da
affeição espiritual, ingendrada pela
intelligencia e cultivada pelo coração,
e não, ainda que, como hoje, muito
prontamente influir o esthetico e immate-
rial que sob as formas materiais es-
pantava; um que não obstante
isto, o psychismo inferior viesse a
pertubar, ainda mesmo quando o in-
dividuo entrasse na posse do objecto
amado pelos sentidos. Porque esta
perturbação ingendrada pela carne
do pecaado, antes da culpa original,
não existia.

Então, como ainda hoje se verifica,
com relação a outros sentidos, o
homem teria um dominio abso-
luto sobre os organos genéricos, de-
scentrados, só interiormente em acção
sob a impulsão e determinação da
vontade, e não por influencia
do furo da concupiscencia,
que então não exerceria, se nos
primeiros pais fossem confirmados
no estado de graça e innocencia
em que haviam sido creados.
Não obstante isto, ainda hoje, é
possivel amar-se sem contraria-
ção e as consequências da
carne do pecaado; quando, então,
para conservar a integridade moral
e material, da carne creada e aben-
coada por Deus, renunciarmos as
desejadas prazeres, embora licitos, da
carne do pecaado.

Assim se amaram muitas santas
que apures de casados e de copulato-
res, sem embargo de um mesmo texto,
se conservaram puros e immaculadas.

Cap. XXIV. Como conceberia e daria
a luz a primeira mulher se Adam
não tivesse peccado.

Se o primeiro casal não tivesse
peccado e fosse confiado da vontade
em que havia sido creado, a mu-
lher conceberia e daria a luz com
uma especie de extase ou sorriso
mysterioso semelhante áquelle pela
qual paroua Adam quando Deus
a criou, por um conhecimento, afim
de que o fruto de suas entranhas,
não fosse um sequer o produto
de uma pura deliciação univel,
ainda que bem ordenada e dirigida
pela verdade; senão e unicamente
do amor proveniente da intelligen-
cia e do coração. Pais, com grande
diffunção, criou Deus o homem
semelhante aos anjos e o circumdara
de numerosas charismas que não
eram devidas de sua natureza, afim
de que, como anjo revestido de carne
humana, em tudo se manifestasse
e contribuisse para a geração e mul-
tiplicação dos filhos de Deus aqui sobre
a superficie da terra.

E foi nestas condições que os inelytos
pais, de minha Senhora e Mãe muito
amada, a Virgem Santissima, a conce-
ber, em vista da sua futura virgi-
nal matutidade e altissima puri-
gativa de rainha dos ceos e da terra.
Signai-vos, pais, minha Senhora e
Mãe muito amada, a occultar esta
corôa de hum ouveida gloria, que
sob os vossos auspícios e por vossos
intermedios deveis jubilar nas
pris de novos inelytos Pais, rendendo
misericordias de graças ao vosso Filho tão
querido, por sua nobilitação e santificação
o tabernaculo do seu tabernaculo.

Cap. XXI. *Uma aviltante canibalização
da carne do puecado.*

Os objectos, correspondentes aos sen-
tidos, offerecem uma variedade de
prazeres, que somente os que se dão
a elles, poderão conhecer e avaliar.
E muitas entre estes prazeres, até certo
ponto, encontram a sua justifi-
cação, porque de preferência as
indivíduos tendem mais a estes do que
a outros.

Assim o gasteronome, pelo facto de
possuir um affecto e paladar espe-
cial, escolhe de preferência os pratos
que mais lhe agradam. Porém, não
succede assim com relação áquelles
que correm em busca dos delictos
que lhes offerece a carne do puecado;
porque elles são sempre os mesmos
e invariavelmente os mesmos.

O que vem comprovar que ha, nuns
prazeres materiais, alguma coisa que
só pôde satisfazer ao irracional;
e que se não fora o amor racio-
nal que os acompanha, o homem
tenderia instinctivamente como o
bruto.

Não ha duvida que esta circum-
stancia é' assaz humilhante
para a quem, amando, como ser
racional, deseja entrar na posse
do objecto pelos sentidos, depois de
já haver entrado na posse da
si mesma, pela intelligencia. e o co-
mune; porquanto, para amaldiçoar-
a esta segunda phase do amor
natural e conjugal, terá que mi-
sular-se com os seres irracionais,
apenas de o fazer levado mais pelo
cumprimento de um presento divino,
do que pelas inclinações da carne
do puecado. —